

Limites e responsabilidade ética no Stand-up Comedy: O riso dos outros

Ana Luiza Honorato, Marina Passos, Mércia Eliza Gomes, Tainá Castellon¹

INTRODUÇÃO

O tema da ética e sua relação com a cidadania nos conduz à questão das virtudes que podem ser cultivadas em vista das relações humanizantes, responsáveis, amorosas, em busca da paz e da justiça. As virtudes não são apenas características pessoais, próprias do *ethos* pessoal ou de um grupo social, mas também processos em construção, como, por exemplo, a bondade, a compaixão, a coragem, a equidade, a afabilidade, a generosidade, a honestidade, a justiça, a paciência, a sensatez, a lealdade, a tolerância, entre outros.

De tantas virtudes que podemos elencar, indicamos apenas três, as quais apontaremos como as mais urgentes, cardeais para a construção da relação entre ética e cidadania.

1. A noção de **bem comum** para toda a comunidade de vida – consciência da inter-relação entre pessoas, grupos, etnias, culturas, ecossistemas. O bem comum não apenas na perspectiva antropocêntrica, mas na perspectiva da complexidade, da relação sociocósmica.

2. A noção de **cooperação ativa** – consciência de que a pequena participação faz diferença, afeta o todo e, portanto, cada pequena ação é fundamental. Cooperar no diálogo, no perdão, na limitação do consumo, no cuidado com todos e com tudo.

3. A noção de **harmonia na busca da felicidade** – consciência de que é uma busca coletiva e que cada escolha deve considerar o todo, o pensar global e o agir local.

Ao refletirmos sobre a relevância e emergência destas virtudes, nos deparamos com nossos valores, nosso agir no mundo, e torna-se uma relação de referência, integrando os projetos para um mundo mais humano e justo, o sentimento de pertença solidária e as formas efetivas de participação na direção dos horizontes éticos. No mercado do teatro e do cinema, surgiu um novo modelo que vem chamando a atenção e o público para relações sociais nas quais o exercício do riso é a chave para o sucesso. Enquanto estudantes da PUC do Rio de Janeiro, refletindo sobre nossas escolhas éticas, convidamos o leitor a analisarmos juntos a prática do Stand Up Comedy e sua relação com a ética, ou com a ausência de ética. Com esse objetivo,

¹ As autoras são alunas do Curso de Pedagogia da PUC-Rio, e realizaram esta análise para a disciplina de Ética Profissional, como alunas da profa. Rosemary Fernandes da Costa

analisaremos o documentário **O Riso dos Outros, de Pedro Arantes**, produzido pela TV Câmara, em 2012.

“Existem limites para o humor? O que é humor politicamente incorreto? Uma piada tem o poder de ofender? São essas questões que o *O Riso dos Outros* discute a partir de entrevistas com personalidades como os humoristas Danilo Gentili e Rafinha Bastos, a cartunista Laerte e o deputado federal Jean Wyllys, entre outros. O documentário mergulha no mundo do Stand Up Comedy para discutir esse limite tênue entre a comédia e a ofensa, entre o legal e aquilo que gera intermináveis discussões judiciais.”

O Documentário

O documentário “O Riso dos Outros” traz um debate sobre o humor, com enfoque no Stand Up Comedy, discutindo se existem limites e responsabilidades dentro desta forma de manifestação artística. Para isso, contrapõe ideias através de depoimentos de humoristas e de pessoas que representam diversas causas sociais. A discussão gira em torno do questionamento de até aonde vai a liberdade de expressão do humorista que, de um lado gostaria de poder falar o que bem entender, cumprindo seu papel de fazer o público rir, e, de outro, deveria controlar sua fala a fim de não fazer piadas preconceituosas contra mulheres, negros, lgbt’s, gordos, moradores de rua, deficientes físicos, entre outras minorias de poder.

A plateia também entra na discussão, quando no filme questionam se ela riria apenas por perceber o retrato da sociedade feito pela piada ou se seria cúmplice de tais preconceitos, já que se não risse, os comediantes não continuariam fazendo esse tipo de humor. Desta forma, o documentário possibilita diversas reflexões pertinentes sobre a influência do humor na nossa cultura e em como ele pode ser uma maneira de reforçar o preconceito e a discriminação ainda presentes em nossa sociedade.

Nosso discernimento ético

Entendemos que toda a discussão do documentário está pautada em uma temática ética, tendo em vista que seu principal objetivo é debater os limites da liberdade de expressão em relação ao respeito com o outro (mais especificamente as minorias). Para relacionar o filme aos conteúdos estudados na disciplina durante este semestre e demais texto julgados pertinentes, portanto, elegemos algumas falas do documentário para nos apoiar na discussão teórica: *“Toda piada tem um alvo”* (Danilo Gentili)

Trevisan (2012) e Leister (2012) apresentam a tolerância e os Direitos Humanos como elementos fundamentais para a construção de uma cultura democrática. Para tanto, é necessário que exista a compreensão do outro e o respeito pelas suas especificidades, possibilitando, assim, uma convivência harmoniosa entre as diferentes culturas. As autoras também explicitam que um dos maiores desafios da atualidade é concretizar o processo de integração entre as diversas culturas e que a intolerância é o principal obstáculo para atingir a integração sociocultural dos indivíduos.

No contexto de uma sociedade plural, respeitar e aceitar as diferenças das pessoas se faz cada vez mais necessário, pois, somente assim, é possível promover uma (con)vivência mais pacífica. Nesse sentido, a *tolerância* aparece como um traço fundamental, que se traduz como o início da construção de uma cultura democrática, na qual o reconhecimento e o respeito às diferenças, ao multiculturalismo, à ética e à pluralidade terão mais estabilidade, possibilitando assim, que as minorias possam ter os seus direitos fundamentais assegurados.

A fim de reforçar as ideias propostas por Trevisan (2012) e Leister (2012), apresentaremos o conceito de *tolerância* que cerca a temática do preconceito — principal fator que contribui para a exclusão — tendo como base a perspectiva da autora Peregrino (2014) em sua tese de doutorado. Segundo a autora, para compreender o significado de **intolerância**, faz-se necessário antes compreender o que é tolerância. Tolerância é a disposição de admitir, nos outros, modos de pensar, de agir e de sentir diferentes dos nossos. Ser tolerante é estar aberto para aceitar críticas sobre as suas opiniões e sobre a sua conduta. A intolerância, consiste:

Na ilusão da certeza absoluta e isola-se plenamente nas próprias opiniões, sem se abrir ao diálogo que pode suscitar posições opostas, mas necessárias, a fim de que se chegue a uma opinião verdadeira. Portanto, não é a certeza plena que conduz à intolerância, mas o fato de não se permitir sua refutação, seu contraste com outra opinião. (PEREGRINO, 2014, p.38)

Dialogando com Peregrino (2014), Trevisan (2012) e Leister (2012) esclarecem que a tolerância consiste em aceitar todos os outros que vivem de forma diferente daquela que a sociedade determinou como padrão, e, somente através da informação podemos superar o medo do outro. Assim, a valorização da diversidade humana é o que caracteriza a tolerância, trata-se da convivência com o outro de forma saudável e respeitosa; tal convivência se dá através do diálogo. Trata-se também de aceitar o outro pela nossa identificação recíproca como seres humanos, pois é através da identidade entre os seres humanos que se explica a tolerância. Vale ressaltar que

essa consciência de identidade só é adquirida através do conhecimento, de esclarecimentos, que ajudam a superar a ignorância e o preconceito.

O multiculturalismo busca o reconhecimento e a representação da diversidade cultural, devendo ser compreendido nos contextos de lutas travadas pelos grupos culturalmente excluídos. Além disso, o multiculturalismo questiona o etnocentrismo, os estereótipos e a cultura dominante, aspectos que silenciam as outras visões de mundo e reforçam certas identidades culturais em detrimento de outras. Dessa forma, o multiculturalismo defende que

As identidades unidas por certos grupos sociais que se diferenciam de outros, não deveriam ter como consequência a exclusão, a desigualdade, além de sofrer com discriminações e preconceitos. (LEISTER e TREVISAN, 2012, p. 212).

A luta daqueles que estão empenhados na garantia da concretização dos direitos humanos na atualidade, inclui a dignidade e o respeito por todos, através da igualdade de direitos, do respeito mútuo, da cidadania, dos ideais democráticos, da compreensão e do acolhimento ao outro, ainda que e, principalmente, se ele for diferente nas suas particularidades. Uma cultura democrática, baseada na tolerância às diversidades, só acontece através do respeito mútuo entre os indivíduos que a forma.

Diante do exposto e, com base em uma das frases de Danilo Gentili, no documentário “O Riso dos Outros”, no qual o humorista explica que “*Toda piada tem um alvo*”, ele se refere, essencialmente, às minorias marginalizadas na nossa sociedade. Ao dizer isso e ao elaborar piadas que menosprezam – ainda mais – esses grupos (negros, indígenas, mulheres, LGBTT e deficientes) com identidades culturais diferentes das esperadas pelo padrão esperado pela cultura dominante, ele reforça o preconceito e os estereótipos, que historicamente foram construídos e até hoje fazem parte da nossa cultura.

O preconceito, que se manifesta em atitudes discriminatórias, está ligado a uma postura ou ideia pré-concebida constituída de certa alienação por ser formada antecipadamente, de forma banal, contrária a tudo que foge dos padrões estabelecidos por uma sociedade. O conceito da tolerância nos convida a ter um novo olhar sobre as diferenças, tendo como base o diálogo, a consciência e, acima de tudo, o respeito. Respeito por essas pessoas, por suas histórias e por suas lutas; respeito por aqueles que ainda sofrem com preconceitos sem fundamento, mas que parecem fazer todo o sentido na nossa sociedade e ainda são reforçados por pessoas públicas, que poderiam trabalhar o humor de outra forma, sem diminuir, menosprezar e ajudar a

perpetuar o preconceito, mas fazendo com que as pessoas refletissem sobre essas minorias, como sujeitos de direito, como seres humanos iguais em direitos e que merecem todo o nosso respeito.

Quando André Dalmer fala que “*O ataque às minorias é uma regra no humor*” ele quer dizer que, como bem mostrado no filme, as minorias são bodes expiatórios para fazer rir. Alguns defendem, inclusive, que não há como fazer rir sem atacar alguém, o que nos coloca mais uma vez pra pensar em qual seria o limite do humor?

Antes de sermos humoristas, professores, advogados ou pedreiros, somos humanos. Somos seres resultantes da nossa realidade de vida e do meio no qual estamos inseridos. É por isso que a ética significa princípios que motivam, distorcem, disciplinam ou orientam o comportamento humano.

Outro ponto para nossa reflexão pode ser tratado na afirmação do Movimento Feminista : “*A nossa luta é por respeito*”. Ora, logo no momento seguinte a essa frase, o filme traz um dos trechos do stand up do humorista Paulinho Serra, no qual ele deprecia a mulher descaradamente. Não só com ironia, mas também, humilhando o papel feminino em relação ao ato sexual.

Uma das questões que devem ser levantadas neste ponto é, também, trazida no filme: os homens que fazem humor depreciam as mulheres. No entanto, as próprias mulheres que fazem humor também depreciam o papel feminino. Aqui, fica clara a falta de empatia e de complacência: “*As liberdades têm limites*” (Jean Wyllys)

Dentro do contexto social em que vivemos, podemos perceber o humor como uma ferramenta utilizada pelo ser humano no intuito de provocar riso, momentos de felicidade às pessoas. As consequências deste humor podem ser desde o constrangimento de uma pessoa ou um grupo ou até mesmo reflexões mais profundas sobre determinados temas; com base na forma com que essa comicidade é construída e de como ela aborda o seu “alvo”. É necessário, portanto, que percebamos a diferença entre a possibilidade de expressão independente e a liberdade total desta manifestação, que pode muitas vezes se sobrepor aos limites éticos e morais.

Atualmente a sociedade vive um momento de resgate a valores como o exercício da liberdade, da autonomia e da responsabilidade. Estes valores, por sua vez, precisam estar intimamente relacionados na construção de um novo conceito de cidadania, que envolve participação pessoal e comunitária na sociedade civil. Pensando no pluralismo moral existente, Adela Cortina nos faz pensar em uma Ética Cidadã, onde existem mínimos de justiça e dos máximos de vida/felicidade.

Os máximos seriam ideais de uma vida boa que compreendem um conjunto de bens que os seres humanos usufruem como fonte de felicidade. Esta ética dos máximos, portanto, dialoga com a pluralidade cultural, já que as definições do que

seria uma vida “boa” são variáveis de acordo com as ideias e modos de viver. Já os mínimos de justiça estão relacionados aos ideais de dignidade dos seres humanos:

As éticas da justiça ou ética de mínimos ocupam-se unicamente da dimensão universalizável do fenômeno moral, isto é, daqueles deveres de justiça exigíveis de qualquer ser racional, e que, efetivamente, só são constituídos de exigências mínimas. (CORTINA:1996, p.62)

A liberdade aparece como um destes princípios de padrões mínimos, que seriam os direitos universalizáveis dos quais não se pode abrir mão para viver como ser humano. Entretanto, em contraponto, há o respeito, que também é parte destes mínimos de uma ética cidadã. Desta maneira a discussão passa a girar em torno dos limites desta liberdade (no caso, a liberdade de expressão) que ao mesmo tempo reafirma o direito individual e se defronta com os direitos dos grupos aos quais se trata e por muitas vezes desrespeita.

O caminho ético que se propõe na contemporaneidade passa por uma concepção de reconhecimento mútuo, ou seja, ter consciência de que o indivíduo e a sociedades estão juntos em uma dinâmica.

A convivência e a realização dependem substancialmente da capacidade que tivermos de nos relacionarmos reconhecendo o valor de cada participante deste amplo diálogo. [...] A proximidade não é uma distância muito pequena, e sim a supressão da distância. No seu significado mais profundo pressupõe humanidade, o reconhecimento mútuo do valor absoluto da identidade humana comum. (COSTA: 2016, p.2)

Desta forma, a tentativa de uma solução para este enfrentamento de valores fundamentais, a nosso ver, passa por um reconhecimento dos direitos de todos os seres humanos e pelo respeito às diferenças pessoais, de forma que a liberdade do ser não fira as identidades construídas individual e coletivamente.

“A piada preconceituosa se apoia em determinados valores, preconceitos solidificados na sociedade, então é fácil fazer piada com estereótipos porque eles estão prontos.” (Idelber Avelar)
“Você precisa saber de que lado está dessa piada” (Hugo Possolo)

A piada só faz sucesso quando o público identifica seus valores nela, o humor preconceituoso que muitos profissionais da área se utilizam são nada mais do que o reflexo daquilo que é culturalmente reproduzido em uma sociedade. Contudo, ainda assim o humorista possui a liberdade de usar seu trabalho para mudar os pensamentos preconceituosos existentes ou aumentá-lo através de suas piadas, que

sempre possuem visões machistas, homofóbicas, racistas, preconceituosas e intolerantes de maneira geral. É nesta linha de raciocínio que pretendemos relacionar o papel do humorista na sociedade com ações éticas de convivência, justiça, solidariedade e paz que se encontram no texto “A relação entre ética e cidadania e as virtudes necessárias para integrar a reflexão e a prática” de Rosemary Fernandes da Costa.

O indivíduo enquanto cidadão faz parte de uma sociedade que atualmente se configura como plural, por isso se faz necessário a construção de uma cidadania com noções de participação de todos e de sociedade civil, como aponta COSTA:

(...) um novo conceito de cidadania vem sendo desenvolvido. Este conceito integra as noções de participação e de sociedade civil. É um conceito que revela a abertura para uma ética construída a muitas mãos. (COSTA, 2016.p,1)

Exercer a cidadania é ter suas ações pautadas no próximo, no bem social de todos, é ter posições éticas na vida profissional e pessoal sobre os assuntos que permeiam nosso cotidiano. Ao falar sobre valores éticos, a autora cita CORTINA para esclarecer a importância da sensação de pertencimento a comunidade que o indivíduo deve ter, porque é através deste vínculo que o cidadão irá refletir sobre suas ações para o bem daquele meio, trabalhando em prol da comunidade.

Partindo da existência de grupos que possuem suas subjetividades dentro do sistema social no qual vivemos, é que devemos refletir sobre nossas ações éticas enquanto cidadãos da mesma comunidade em relação a estas “minorias” que são tachadas de estereótipos negativos através do humor, e de como isso não é algo atual, mais sim passado nas relações entre os povos. Faz necessário salientar que o humorista possui culpa na disseminação de discursos preconceituosos, uma vez que ainda vivemos em uma sociedade intolerante que não respeita as diferenças, por isso ele pode e deve se posicionar para que este tipo de discurso não seja cada vez mais reproduzido.

Mesmo existindo um desenvolvimento tecnológico que alcance a configuração de uma sociedade moderna de um sistema capitalista ainda podemos perceber a existência de um “*abismo entre o ideal e o que a realidade nos apresenta*”, em outras palavras, seria a ausência de uma cidadania pautada em ações éticas que visam a justiça, a solidariedade e a paz e que não podem ser encontradas nas piadas apresentadas no documentário, assim como em ações cotidianas que desrespeitam o próximo na sua subjetividade. Logo, a reflexão do papel da ética e da cidadania nos leva a pensar em novos valores, em novas ações no mundo e na comunidade, nos

leva a alcançar um estilo de vida mais humano e justo, dando a todos (maioria e minoria) a sensação de pertencer aquele meio.

A Linguagem cinematográfica

O filme é apresentado em formato de documentário que alia diferentes posicionamentos a partir da opinião de comediantes e de representantes de movimentos sociais. Para isso, se utiliza de uma linguagem onde exhibe trechos de Stand up Comedy enquanto, paralelamente, o tema referente às piadas é tratado de forma crítica.

O filme tem uma fotografia mais escura, acreditamos que para dar o pesar que a situação merece. Esse aspecto é também contemplado no próprio título do curta “O riso dos outros”, não o meu, nem o nosso, mas o dos outros.

Desta forma, de maneira geral, as cenas se revezam entre os seguintes momentos: filmagens dos humoristas enquanto se apresentam para uma plateia e a reação desta, comentário destes humoristas sobre a temática, comentário de representantes sociais sobre esta temática, tirinhas e desenhos sobre a temática de cartunistas que participam da filmagem e imagens com determinadas frases de impacto citadas durante o documentário, isso é o que a linguagem cinematográfica chama de montagem paralela, quando duas situações são filmadas e na edição elas são montadas intercaladamente.

Trata-se de uma obra atual, filmada em 2012, que ousa tocar em questões polêmicas latentes na época, como os diversos processos sofridos pelo humorista Rafinha Bastos por conta de suas piadas, por exemplo. Ainda assim, percebemos que é um tema cada vez mais presente nas discussões, tendo em vista que vivemos um momento de afirmação de identidades e de combate aos preconceitos.

Em um cenário informal, os personagens da obra são os próprios convidados, sem interpretação ou nomes fantasia. Há cenas filmadas em residências, no teatro e até mesmo em um bar. O figurino também é basicamente o das próprias pessoas, já que o humor Stand up se caracteriza justamente pela ausência destes recursos complementares assim como caracterização e cenário específico. Tudo isso faz parte do campo de filmagem. O campo é, basicamente, tudo aquilo que está aparecendo na imagem.

Os planos e os ângulos também são igualados em sua grande maioria. Isso se dá justamente por termos uma produção do filme que se priva de impor uma opinião da produção, mas que preza pela neutralidade, visto que a forma como o seu plano está demarcado e o ângulo no qual sua cena é filmada, pode prestar mais ou

menos desfavorecimento a mesma já que não utiliza uma opinião como mais importante ou correta do que outra.

Nossa apreciação crítica

Assim como trazido no documentário, é fato que as piadas produzem humor a partir do momento em que o público identifica a caricatura do objeto utilizado pelo humorista, mas a questão seria perceber até que ponto essa caricatura pode ir.

Neste sentido, concordamos em termos com a fala de Hugo Possolo, quando ele diz que: *“O comediante não é responsável pelas mazelas, preconceitos, chavões da sociedade; ele apenas explicita-as de uma forma humorística. O humorista deve, antes de tudo, saber em qual lado da piada ele se encontra”*. No entanto, percebemos que de certa forma há uma retirada de responsabilidade dos humoristas quanto a serem também formadores de opinião do grande público. O comediante assume características presentes ou preestabelecidas sobre alguém ou algum grupo e, a partir delas, busca uma forma de fazer seus espectadores as identificarem e acharem graça disso. Concordamos que o humorista não tem culpa da existência das mazelas sociais, mas ele também não pode simplesmente reproduzir discursos preconceituosos sobre estas questões e pessoas reforçando os estereótipos socialmente produzidos.

Nenhuma piada é neutra, nenhuma piada é “só” uma piada. As piadas carregam uma história, reproduzem uma cultura e, em muitos casos, reforçam valores preconcebidos que foram construídos ao longo do tempo. Com isso, o humor, quando carregado de ofensa e crueldade, tende a perpetuar o preconceito e a discriminação contra as minorias, uma vez que reforça, de maneira “descontraída”, o preconceito que o grande público já tem sobre os grupos excluídos socialmente. O humorista, no momento do seu espetáculo, é o centro das atenções e deve ter consciência de que pode influenciar as ideias das pessoas com suas falas (ainda que seu objetivo primeiro seja apenas fazer rir).

Para que o humorista conquiste o público é necessário que ele aborde determinado tema de uma forma que a plateia o compreenda, concorde e ache engraçado. Na fala de Laerte (*“O humor dialoga com o preconceito das pessoas”*), a cartunista explica como funciona o humor - a graça da piada surge quando a plateia identifica o seu preconceito nela, reafirmando o ponto de vista das pessoas sobre determinado assunto. A graça decorre também, porque temas de cunho preconceituoso são tidos como tabu e não podem ser comentados abertamente.

Fica claro no vídeo que, não necessariamente, a piada precisa atingir ofensivamente um grupo específico. Os humoristas possuem a alternativa de

escolher a forma de tratar o tema da piada, mudando o sentido agressivo. Como tratado no filme, prezando pela liberdade de expressão, nenhum tema deveria ser proibido, mas os comediantes deveriam sim prestar mais atenção no que falam e a quem as piadas atingem.

Aproveitando toda a projeção social que possuem, os humoristas (principalmente os mais famosos que aparecem no documentário) deveriam perceber seu papel como formadores de opiniões e se aproveitar disso para pararem de reproduzir posições do senso comum e passarem a desconstruí-las. O humorista também faz parte da sociedade e não possui uma posição neutra. Ele precisa perceber que perpetuar ideias contra os oprimidos ou até mesmo se ausentar dessa culpa é ir contra eles. Assim como na fala de Gabriel Groswald ("O humor deve gerar uma mudança na conduta, na forma de ver o mundo e quando isso se realiza, está fazendo arte."), como já citado, o filme mostra que é possível falar desses temas de forma (des)construtiva, ouvindo essas minorias que geralmente são alvos de sofrimento, deixando de citá-las de forma negativa, ainda assim sem perder o humor.

Na fala do deputado Jean Wyllys no documentário, pudemos notar a presença das questões de gênero na fala dos humoristas: *"As pessoas tentam naturalizar isso, como se fosse natural a mulher ser inferior ao homem. Que é da natureza da mulher ser inferior ao homem. Não é da natureza nada, isso é da cultura. E se é da cultura e a cultura muda no tempo e no espaço, esse tipo de mentalidade pode mudar também. A gente se organiza politicamente para isso"*). Podemos refletir que nosso sistema social é movido pelo patriarcado, desta forma, nossas leis e costumes são direcionados para a exaltação do homem e a inferiorização da mulher. Isso pode ser feito através dos papéis sociais, profissões, salário, da mídia, entre outros. Entretanto, atualmente a luta contra esta concepção machista de que a mulher veio ao mundo para servir ao homem está crescendo, principalmente entre a classe feminina com grupos feministas.

Acreditamos que gênero e sexualidade não determinam se alguém deve ser tratado com respeito e igualdade, e os valores que possuímos não devem ser pautados na escolha e gosto do outro e sim nos nossos. Diante disso, nos resta a luta pela mudança da sociedade patriarcal e pelos direitos das mulheres. Acreditamos também que a arte, incluindo o humor, pode ser uma grande porta para novos olhares e conseqüentemente um potencial para promoção de uma mudança social, mas para isso, precisamos de artistas conscientes do seu papel, afinal, o preconceito não é algo novo e, se ainda existe, é porque vem sendo passado culturalmente de geração em geração.

Por outro lado, aliado ao que acredita Antônio Prata (*“Então, quando você faz uma piada politicamente incorreta, no sentido, quando você é racista, você não está fazendo nada de transgressor. Nada de transgressor. Você está assinando embaixo da realidade. Você está falando assim: o mundo é desigual e eu estou rindo disso.”*), cremos que o público também deva estar mais atento ao que ouve e mais disposto a questionar o humor que lhe é apresentado. Seria uma via de mão dupla: os artistas deixariam de reproduzir preconceitos para quem os assiste e, conseqüentemente (não apenas através deste meio), o público vai se tornando mais consciente das questões sociais e da discriminação sofrida pelos grupos à margem da sociedade.

Reforçamos que não se trata de abolir os temas, muito pelo contrário: é necessário falar sobre eles, para promover conscientização social. O que precisa acontecer é a avaliação crítica sobre o que é dito, para assim evitar a simples repetição de ideias errôneas, frutos de intolerância. Também seria importante garantir o local de fala e a representatividade dessas minorias, visto que a maioria de comediantes atualmente está em posição privilegiada, sendo homens, cisgênero, heterossexuais, brancos, magros, sem deficiências e de posição econômica favorável.

O argumento de Lola Aronovich, uma representante feminista, traz um detalhe importante sobre criticar o senso comum: *“a gente tem que criticar tudo mesmo, tudo inclusive o senso comum que ri das piadas. Porque não é uma coisa separada. Não é preconceito, discriminação, estereótipos de um lado, e piadas de outro”*. Essa pode ser uma tentativa de estimular a reflexão, ampliar o repertório de conhecimento das pessoas e, com isso, dar novos significados aos padrões que, um dia, foram estabelecidos sem conhecimento, e que são fortemente retratados até hoje. A crítica deve possibilitar o diálogo, a escuta, o silêncio e a reflexão entre/dos sujeitos. De maneira tão íntima e consciente, que sejam capazes de resignificar os estereótipos, um dia construídos e engessados, e promover uma transformação social tão significativa ao ponto que o humor poderá ser concebido sem ofensas e humilhações, mas sim de maneira inteligente, apresentando novas perspectivas, sem machucar ou menosprezar as pessoas.

A liberdade de expressão é um direito e deve ser garantida, mas é preciso lembrar que, assim como todo direito, essa liberdade está em um contexto social, cultural, temporal e político, e tais fatores devem ser levados em conta. Desta forma, acreditamos que há sim limites para o humor, que não deveriam ser um tipo de censura, mas uma forma de garantir respeito às minorias, evitando que tantos preconceitos sejam disfarçados em forma de piada. Por fim, concluímos que documentário nos faz avaliar o conteúdo do humor (e entretenimento de forma geral)

a que somos expostos diariamente, provocando reflexão sobre questões que costumamos ignorar ou não perceber quanta discriminação carregam. Torna-se, portanto, extremamente relevante, tendo em vista que não estar atento ao que nos fala esse humor pode resultar na reprodução cotidiana destes preconceitos.

Referências bibliográficas:

COSTA, Rosemary Fernandes. Ética e cidadania: uma relação necessária. In: MORAES, Eva Aparecida Rezende e COSTA, Rosemary Fernandes. **Ética Cristã e Ética Profissional**. Rio de Janeiro: PUC/MEC/UERJ, 2009.

LEISTER, M. e TREVISAN, E. **A tolerância e os direitos humanos: aceitar o multiculturalismo e as diversidades para viver uma cultura democrática**. Revista Mestrado em Direito. Ano 12, n. 1. Osasco: USP, 2012. Disponível em: <http://intranet.unifieo.br/legado/edifio/index.php/rmd/article/view/653/693>

MAILHIOT, Gérald Bernard. **Dinâmica e Gênese Dos Grupos** - Atualidade Das Descobertas de Kurt Lewin. Editora Vozes, 2013.

PEREGRINO, Giselly dos Santos. **Secreto e Revelado, Tácito e Expresso: o preconceito contra alunos surdos**. 2014, pp.31-38. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.